



Discurso e identidade: uma análise das publicações sobre trabalho, carreira e profissão no campo da tecnologia da informação¹

Discourse and identity: an analysis of publications about work, career and profession in the field of information technology

Tatiele Pereira de Souza^a

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o discurso sobre carreira, trabalho e profissão veiculado em publicações no campo da tecnologia da informação (TI). O *corpus* de análise envolveu matérias publicadas em duas revistas direcionadas à área de TI, entre os anos de 1984 a 2014. O exame de um período tão extenso permitiu identificar o momento no qual há certo rompimento em torno das ideias e valores relativos à profissão de informática, como era chamada no início, e a constituição de um novo ideal de profissional, o profissional de TI, este deve aderir a uma nova identidade pautada no empreendedorismo, na gestão de si, no gosto pela mudança. Considera-se que tal construção discursiva constitui uma identidade atribuída a partir do discurso empresarial e coaduna com as novas formas de gestão do trabalho e da produção.

Palavras-chave: profissionais de TI; profissional de informática; análise de discurso; identidade; empreendedorismo.

Abstract

The goal of this article is to analyze the discourse career, work and profession aired in publications in the field of information technology. The *corpus* of the analysis consists of materials published in two magazines directed to the area of information technology, between the year of 1984 until 2014. The examination of such an extent time period permitted the identification of the moment in which there is a certain rupture surrounding the ideas and values related to the profession of information, as named in the beginning, and the constitution of a new professional ideal, the IT professional, must take on a new identity guided by entrepreneurship, the liking of change and risk. It is considered that this discursive construction constitutes an identity assigned from the business discourse and that it complys with the new forms of work and production management.

Keywords: IT professionals; informatic professional; discourse analysis; identity; entrepreneurship.

¹ Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado, desenvolvida pela autora, no programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. O projeto integra a linha de pesquisa "Trabalho, Emprego e Sindicatos", intitulada-se *Trabalho e informação: heterogeneidade e gênero nos serviços de tecnologia da informação*, e está sob a orientação do Professor Doutor Jordão Horta Nunes.

^a Doutoranda, Universidade Federal de Goiás – UFG, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Goiânia, GO, Brasil. Contato: tatieleufg@gmail.com



Apresentação

Desde a década de 1970, em países de capitalismo avançado e, sobretudo, 1990, no Brasil, uma diversidade de autores e autoras constroem reflexões acerca das transformações no capitalismo que permitiram uma reorganização do processo de acumulação em novas bases tecnológicas, políticas e organizacionais e que impactaram as relações de trabalho em escala global. Novas ocupações surgiram, outras desapareceram, e houve aquelas que se reorganizaram. As demandas qualificacionais também se modificaram por meio das novas tecnologias da informação e das novas formas de gestão da produção e do trabalho. Tais mudanças incidiram sobre a constituição identitária dos/as trabalhadores(as) e demandam pesquisas que considerem tanto a ocupação como, conforme aponta Dubar (2006, p. 94) “as exigências que os empregadores e os decisores políticos alegam para recrutar, formar ou gerir os ‘recursos humanos”.

As mudanças em curso resultam da conformação de um novo regime de acumulação pautado na busca pela flexibilização do trabalho, da produção e do consumo, na desregulamentação dos direitos, no aumento da utilização da tecnologia da informação, na racionalização das atividades e em processos de subcontratação que permitiram gerar novas formas de organização do trabalho em diferentes países e novas lógicas de serviços financeiros (HARVEY, 2013; LEITE, 2009). Essas transformações constituíram-se em ampla medida por meio da adoção do sistema *toyotista* de produção, que se baseia em um conjunto de princípios organizacionais, tecnológicos e gerenciais, cujas características são a produção flexível, realizada conforme a demanda, a empresa horizontalizada e a polivalência². No plano do trabalho e das novas formas de controle, exige-se, cada vez mais, as capacidades psíquicas e a subjetividade dos trabalhadores(as) (LIMA, 1996; HELOANI, 2011).

Os estudos e pesquisas sobre os serviços de tecnologia da informação, especificamente de profissões empenhadas no processo de desenvolvimento de *software*, apresentam um quadro no qual estas profissões representariam o novo ideal de trabalhador(a) que surge a partir dos processos de reorganização da produção e do trabalho. O trabalho flexível, realizado em muitos casos por projetos e em formas contratuais de trabalho distintas dos empregos formalizados³, a extensa jornada de trabalho, os conhecimentos adquiridos por meios não formais, isto é, de forma autodidata ou por meio de certificações, bem como exigências qualificacionais como a criatividade e o raciocínio lógico caracterizam tais atividades (MOSSI, 2012; CASTRO, 2013; GARZA, 2010).

Ainda que esta literatura apresente importantes reflexões em torno das ocupações em serviços na área de tecnologia da informação e, especificamente, sobre trabalhadores(as) empenhados no desenvolvimento de *software*, destacando as dimensões morais, as relações de gênero e as formas de contrato flexíveis, o campo carece de pesquisas que focalizem a relação entre o discurso sobre as exigências qualificacionais nesta área e a constituição de identidades profissionais e sociais. Para tanto, o objetivo deste artigo é analisar o discurso sobre carreira, trabalho e profissão veiculado em publicações no campo da tecnologia da informação.

Parte-se da concepção de que a identidade não se constitui a partir de processos individuais e psicológicos, mas como construção social e cultural, resultado, conforme Souza (2011, p. 18) “de processos de socialização primários e secundários que permitem com que as pessoas

² Conforme Marcelino (2004) a produção *just-in-time* refere-se ao processo produtivo que ocorre conforme a demanda; a polivalência, é caracterizada pela capacidade de o trabalhador operar várias máquinas e métodos; o *kanban* refere-se ao processo de reposição conforme a demanda, não necessitando assim de grandes estoques. E a empresa horizontalizada constitui-se por meio de processos de subcontratação em que a empresa focaliza no produto central e terceiriza o restante das atividades.

³ O emprego formalizado refere-se àquele que respeita as leis trabalhistas do país, conforme Baltar et al. (2009, p. 3) “explicitadas na CLT ou no Estatuto do Servidor Público.”

se identifiquem e sejam identificadas pelos outros”. Nesse sentido, a identidade constitui-se a partir de um processo relacional em que importa tanto os processos que configuram uma identidade atribuída, sexo, ocupação/profissão, quanto a forma como os próprios indivíduos atribuem significado a tais identidades (DUBAR, 2005, 2006).

O aporte metodológico para a análise parte da metodologia da interpretação/reinterpretação formulada por Thompson (1995) e da análise de discurso crítica, elaborada por Norman Fairclough (2001). Ambos os teóricos têm em comum a busca pela construção de métodos de análise do discurso que considerem tanto questões de ordem estrutural: contexto social, econômico e histórico, quanto as estruturas internas das formas simbólicas ou do discurso.

O *corpus*⁴ foi constituído por matérias publicadas em duas revistas direcionadas à área de tecnologia da informação: uma revista de circulação nacional e uma revista de circulação interna de uma grande empresa pública⁵. O período de análise das revistas compreendeu os anos de 1984 a 2014⁶. O *software* de análise *NVivo* foi utilizado para o processo de codificação e categorização dos dados coletados⁷.

Além desta apresentação o trabalho está dividido em três partes. Primeiro, são tecidas reflexões sobre as tecnologias da informação, doravante (TI), e o trabalho de desenvolvedores(as) de *software*. Em seguida, apresenta-se a análise do discurso das revistas publicadas no período de 1984 a 1990, que apontam para um discurso sobre a valorização do profissional de informática. Posteriormente, analisa-se o discurso constituído a partir dos anos 1990, o qual apresenta um cenário em que a construção da identidade do profissional de TI vincula-se, cada vez mais, ao ideal de “empreendedor”, nesse sentido, a valorização deve ser conquistada.

Tecnologias da informação e o trabalho de desenvolvedores e desenvolvedoras de *software* É importante frisar as distinções entre as profissões da informação e as profissões de TI⁸. As primeiras têm na informação a constituição de suas jurisdições como ocorre nas profissões de bibliotecários e contabilistas (ABBOTT, 1988), mas não estão relacionadas, diretamente, às tecnologias da informação, que se caracterizam por converter conhecimento social e práticas dentro de formas digitais que podem ser, segundo Eischen (2003, p. 63): “manipuladas, disseminadas e controladas dentro de uma arquitetura de código binário”. Assim, o desenvolvimento das tecnologias da informação e das profissões que se associam a estas relacionam-se à história da informática.

A história da informática e o desenvolvimento do computador podem ser divididos em fases. A primeira fase relaciona-se aos interesses militares e reporta à construção dos primeiros computadores; a segunda é marcada pela construção de sistemas centralizados de grande porte em grandes empresas e corporações. A terceira é marcada, conforme Breton (1991, p. 148), pela “diversificação dos meios e dos métodos e da convivência entre microinformática, pequenos e grandes sistemas”.

A demanda por programadores e desenvolvedores de *software* aumentou, especialmente, a partir de meados da década 1970. Esse período marca o surgimento da indústria de *software*

⁴ O critério para a constituição do *corpus* priorizou publicações que veiculassem matérias sobre trabalho, carreira e profissão no campo da TI e que tivessem um período regular e extenso de circulação. Considera-se que a análise de um período extenso pode trazer contribuições para pensar uma trajetória de construção identitária numa perspectiva histórica e num contexto social específico.

⁵ A revista de circulação nacional denomina-se *Revista Info*. Atribuir-se-á um nome fictício a revista de circulação interna vinculada a empresa pública, a fim de preservar o nome da empresa, assim, será chamada *Revista R*.

⁶ A *Revista R* foi analisada desde 1984, a *Revista info* desde 1986.

⁷ Ao todo, foram 81 matérias da *Revista R*, 143 da *Revista info*.

⁸ É importante frisar que utilizou-se o termo “Profissões de TI” devido à forma como as ocupações na área de tecnologia da informação são denominadas no mercado de trabalho e nas revistas analisadas. Estas ocupações ainda não possuem o *status* de profissão quando a concebemos à luz da teoria das profissões (FREIDSON, 1994), em que uma ocupação se torna uma profissão quando apresenta, em maior ou menor grau, um conjunto de características relacionadas à *expertise*, ao *status* profissional, ao controle do exercício profissional, a um processo de formação institucionalizado, dentre outras.



em que a IBM, após sofrer longos processos, deixa, de acordo com Breton (1991, p. 223) “de realizar uma política de preços que reunia em um mesmo conjunto o hardware e o *software*”.

No Brasil, a informática foi introduzida na década de 1950 pela IBM a partir de computadores *mainframes*⁹ que até a década de 1970 dominou o mercado. Na década de 1970 tal domínio foi abalado por uma política de reserva de mercado criada em 1972, sob a responsabilidade da Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (CAPRE). A partir da década de 1990 há um processo de liberalização e quebra das reservas de mercado para a indústria da informática. (MARQUES, 2003; TAPIA, 1995).

A fim de distinguir, inclusive grupos ocupacionais, torna-se importante diferenciar serviços de TI e serviços habilitados por estas. Conforme Eischen (2003) serviços de TI são aqueles relacionados ao desenvolvimento, aplicação e manutenção de *softwares*. Já os serviços habilitados pela TI relacionam-se a serviços que vão desde o processamento de dados até o trabalho nas centrais de teleatendimento. Nossa análise versa sobre os trabalhadores(as) que se inserem nos serviços de TI, isto é, nas ocupações em que o processo de desenvolvimento, aplicação e manutenção de *software* ocorre. Nesse grupo há ocupações como gerentes de redes, analistas de sistemas e programadores(as). A próxima parte analisa o discurso sobre carreira, trabalho e profissão no período de 1980 a 1990.

O Profissional de informática: o discurso da valorização

No período entre 1984 e 1990 identificamos um número pequeno, mas importante, de matérias que abordaram temáticas relativas à demanda por profissionais da área, a valorização profissional, o perfil dos profissionais e sobre problemas que envolviam a questão da formação na área de informática. A seção recursos humanos, em ambas as revistas, constituiu a área que acolheu grande parte das matérias.

A elevada demanda por profissionais da área compôs um tema recorrente nas publicações analisadas no período, e é apresentada como um dos motivos para o cenário positivo do mercado de trabalho em informática, caracterizado como uma área promissora, altamente valorizada e dotada de boas oportunidades de carreira.

Tal discurso pode ser verificado na matéria de capa produzida pela Revista R, publicada no ano de 1984, intitulada *A Universidade em discussão*, um dos subtítulos da matéria é: *Há trabalho. Para todos* e apresenta um panorama no qual o setor de informática constitui uma das poucas áreas nas quais o profissional “nunca vai ficar sem emprego” (BITTAR..., 1984, p. 4). Em outra matéria, publicada pela *Revista info*, anos mais tarde, intitulada *A temporada de caça*, a mesma construção discursiva é constatada e afirmada pelo elevado índice de propostas de emprego recebidas pelos discentes ainda em processo de formação, (A TEMPORADA..., 1987, p 19.) “quatro ou cinco propostas de emprego bem antes de sua diplomação - ao contrário de cinco anos atrás, quando o setor de informática absorvia apenas um quinto da fornada de profissionais recém-formados”.

Na matéria *Os jovens prodígios: do mito à vida real*, publicada pela *Revista Info* em agosto de 1987, o destaque está na falta de profissionais na área, isso aparece como uma justificativa para a alta valorização da profissão, cuja evidencia é o alto investimento das empresas em funcionários por meio de altos salários, planos de carreira e custeio de cursos. A publicação intitulada *A temporada de caça*, é exemplar e enfatiza mudanças no plano de carreira como forma de retenção dos profissionais, em que a

⁹ *Mainframes* consistem em computadores de grande porte destinados a armazenar grandes volumes de dados.

[...] empresa chegou até a criar o cargo de analista consultor, para resolver o problema de *turnover* no topo da carreira de analista. Por ser uma carreira técnica, o profissional, embora altamente qualificado, chegava a um ponto em que não podia ter mais promoções, para que não ultrapasse o salário dos gerentes. Então, mudava de emprego. Hoje, um consultor da Itautec começa ganhando cerca de 20 mil cruzados e, mais tarde, pode chegar à faixa da gerência: mais de 30 mil cruzados (A TEMPORADA..., 1987, p.22).

Além da questão da valorização da carreira, apresentada no trecho, importa atentar para a forma como a carreira do profissional de informática é tratada nesse período. Ao discorrer sobre o modo como a grande empresa do ramo estaria enfrentando a carência de mão de obra, o diretor da empresa entrevistado apresenta as diferenças entre a área de gerência e as profissões de informática, qualificadas como uma área técnica. A reorganização dos planos de carreira a fim de equiparar a carreira técnica dos profissionais de informática à carreira de gerência é a forma encontrada para reter os profissionais.

A diferenciação entre carreira técnica e gerencial sugere uma característica não apenas dos profissionais da informática, mas do modo como o trabalho se organizava naquele período. Tal distinção comporta características das formas de organização do trabalho pautadas no *fordismo*. Embora os trabalhos na área de TI sejam associados, automaticamente, ao *toyotismo* e às novas formas de gestão do trabalho, é possível verificar no discurso que as profissões de informática possuíam, de início, uma forma de organização do trabalho com delimitações claras em relação a outras áreas como a gerência. Tais dados trazem elementos para pensar um processo de transição da “profissão de informática” para os “profissionais de TI” e as mudanças nas exigências qualificacionais e no processo de trabalho.

O conteúdo das publicações analisadas em ambas as revistas, que não se relacionavam diretamente a trabalho, carreira e profissão, direcionavam-se, principalmente, à apresentação da aplicabilidade da informática pelas empresas e profissionais liberais com a finalidade de aumentar a competitividade e facilitar a reestruturação das empresas. Nessa perspectiva, o conteúdo das matérias buscava exibir as facilidades e as possibilidades de otimizar, racionalizar e automatizar tarefas, reduzindo assim o tempo gasto nas atividades e, sobretudo, o custo, tanto nas empresas privadas quanto nas empresas públicas. Tais conteúdos alinham-se com o momento de desenvolvimento da informática no Brasil. Se entre a década de 1950 e 1970 a informática orientava-se para computadores *mainframes* e minicomputadores, a partir da década de 1980 os microcomputadores tornaram-se uma realidade, possibilitando o acesso não apenas das grandes, mas também das pequenas empresas e de profissionais liberais aos computadores (MARQUES, 2003).

Foi possível constatar um discurso, nas publicações dos anos 1980, sobre trabalho e carreira na área de informática, voltado para um mercado em ascensão e valorizado. Esta valorização incide sobre os planos de carreira, os cargos, as remunerações, nessa perspectiva, está vinculada às formas de regulação e reconhecimento do trabalho característicos do período fordista. A representação dos profissionais nas publicações converge para a ideia de que são jovens, com carreiras promissoras, inteligentes e inseridos em um mercado caracterizado pela alta demanda por profissionais, planos de carreira atrativos, altos salários e que incentivam o aprimoramento profissional. Nessa perspectiva, atribui-se uma identidade positiva, na qual o/a profissional está inserido em uma profissão altamente qualificada e valorizada.

Sobre a valorização a partir da remuneração, a análise de Márcio Pochmann (2000) acerca da evolução das ocupações no Brasil¹⁰ pode iluminar a caracterização desse período. Dentre as

¹⁰ A partir dos dados sobre as ocupações Pochmann apresenta um quadro que diverge das perspectivas otimistas sobre as novas formas de organização do trabalho. Pochmann (2000) revelou que os postos de trabalho que mais cresceram na variação de 1986/89 a 1989/97 foram os serviços de menor qualificação o que invalidaria a tese de que as novas formas de organização do trabalho, associadas às novas tecnologias demandariam serviços com maior qualificação profissional.

diversas ocupações que apresentaram crescimento entre os períodos de 1980 a 1990, analisadas pelo autor, está a ocupação analista de sistemas. Esta, apresentava em números absolutos, no período de 1986/1989, 12.584 ocupados, já entre 1989/97 eram 16.899 ocupados, assim, a variação absoluta foi de 39,3% e a relativa 37,9%.

O crescimento dos postos de trabalho veio acompanhado de mudanças na remuneração. O rendimento médio em salário mínimo para a ocupação de analista de sistemas era, em 1986, 17,12 salários mínimos, já em 1995, 10,65, salários mínimos. Os dados demonstram tanto uma valorização significativa para o ano de 1986 o que coaduna com o discurso veiculado nas revistas, quanto um processo de redução dos rendimentos na década seguinte. A próxima parte é dedicada à análise do discurso pós 1990.

O discurso a partir dos anos 1990: da valorização à busca por reconhecimento

A partir de 1991 constata-se mudança no discurso sobre a profissão de informática e intensificação de temas relativos às novas formas de organização do trabalho. Nas publicações, evidencia-se a construção de um discurso de integração entre a informática e as novas formas de gestão do trabalho, pautadas, em grande medida, no *toyotismo*. Nesse contexto, o próprio conteúdo das atividades de informática é remodelado, um novo perfil é demandado e os requisitos para uma nova identidade são apresentados. Tais mudanças incidiram, inclusive, na forma de denominação da profissão, na qual o termo informática passa a ser substituído, em ampla medida, pelo termo profissionais de tecnologia da informação (TI).

As primeiras publicações a apresentarem temáticas relativas às mudanças no conteúdo da profissão de informática foram identificadas já em 1991. A matéria publicada na *Revista R*, denominada *Analistas, o fim do isolamento*, discorre sobre a constituição de um novo perfil de profissional da informática, que já não necessitaria ter conhecimentos profundos do computador ou do sistema operacional, devido ao desenvolvimento das novas tecnologias, mas conhecer profundamente metodologias e ferramentas de desenvolvimento de sistemas modernas “e, principalmente, deve saber desenvolver as soluções em conjunto com os usuários. No moderno conceito de CI (Centro de Informações), cabe ao usuário, com o suporte do analista, desenvolver suas próprias aplicações” (FERNANDEZ, 1991, p. 31).

A matéria de capa da *Revista info*, intitulada *É hora de recomeçar*¹¹ trata não apenas da importância da informática para as empresas, mas de processos voltados para a integração entre estas e a informática e das novas características do profissional da informática.

Michael Hammer, coautor do livro *Reengenharia – Revolucionando a Empresa*, é referenciado a fim de definir o significado da reengenharia. Citado como um *best-seller*, o que permite construir um efeito de maior credibilidade, o livro é apresentado como um “manifesto em defesa das mudanças radicais na empresa” (É HORA..., 1994, p. 65). A finalidade é mostrar às empresas que o modelo administrativo daquele período necessitava ser revisto e reconstruído. Se na década de 1980 a informática foi apresentada como uma possibilidade importante para a reestruturação das empresas, os dados da década de 1990 mostravam que os ganhos obtidos com a adoção da informática não foram os esperados. Tal fato foi atribuído ao fosso existente entre os princípios administrativos e a informática.

Nesse contexto, a divisão entre a área de informática e a área de negócios foi questionada e a solução apresentada consistiu na adoção de novos princípios administrativos com a finalidade de reorganizar a empresa. Tais mudanças afetaram o conteúdo das tarefas do profissional da informática. Se antes a informática era tratada como uma área técnica da empresa na qual, de um lado, situava-se os técnicos do CPD e, de outro, os negócios da empresa, com a reengenharia um novo lugar é proposto para a área de informática que se materializa em duas mudanças: “a primeira é a efetiva integração ao organograma. A outra, mais importante

¹¹ O subtítulo da matéria é: *preocupadas em manter a produtividade e se tornar competitivas, as empresas se estruturam em todos os níveis e têm na informática a ferramenta básica para construir os alicerces da mudança.*

ainda, parte da constatação de que é imprescindível contar com a tecnologia da informação para implantar os novos conceitos de gerência” (É HORA..., 1994, p. 66).

O aumento da produtividade, o aperfeiçoamento dos processos decisórios, a rapidez nas solicitações do mercado, as mudanças nas formas de realizar negócios e o aprimoramento de serviços de atendimento ao cliente apresentam-se como as metas que a informática ou a TI deve alcançar. A fim de colocar em prática o processo de reengenharia diversas possibilidades de utilização da informática são apresentadas como a substituição de computadores *mainframes* por microcomputadores, a utilização da computação distribuída, dentre outras.

Um sistema de informação implementado por uma empresa é exibido na matéria como um exemplo de sucesso. Com o objetivo de reorganizar os departamentos de informática das unidades da empresa situadas em diferentes países, realizou-se um estudo que permitiu identificar os principais problemas no departamento de informática e que resultou na redução de 30% de profissionais de informática, na diminuição da quantidade de centros “de processamento de dados espalhados pelo mundo de 108 para apenas quatro. O tratamento de informações das unidades da América Latina, antes realizado em doze diferentes locais, hoje está totalmente concentrado num único CPD, no Brasil” (É HORA..., 1994, p. 70).

É interessante perceber como o setor de informática não foi apenas um propulsor das transformações organizacionais e tecnológicas, mas também sofreu tais mudanças. O processo de reorganização da informática, a partir das novas formas de gestão e organização do trabalho, possibilitou a centralização de dados, a partir da distribuição em rede, e a redução de postos de trabalho. O perfil do profissional de informática requisitado também se modificou: o conhecimento técnico não é valorizado se não estiver integrado à visão de negócios das empresas. Acredita-se que dois fenômenos contribuíram para esse movimento: o desenvolvimento tecnológico e as novas formas de gestão e organização do trabalho.

A constituição de um novo perfil de profissional da informática é acompanhada da adesão a um novo modelo organizacional direcionado aos negócios em que, conforme a matéria publicada pela *Revista R*, o novo modelo de profissional “reúne em sua performance pretendida, atributos que possam garantir uma relação harmoniosa entre conhecimentos especializados e o alvo de uma prestação de serviços” (AQUINO, 1991, p. 5). Nesse sentido, a tecnologia da informação “que disponibiliza insumos decisórios, deve ser encarada pelo novo profissional que sustenta a organização no seu dia a dia, como elemento interfaceador da mediação cliente/usuário e empresa prestadora de serviço” (AQUINO, 1991, p. 5).

Nota-se que o termo “informática”, largamente utilizado nos textos analisados na década anterior, ainda é empregado, mas passa a ser substituído ou mesclado com o termo Tecnologia da informação. Conforme Breton (1991) a informática refere-se ao processamento da informação sem a interferência humana. Nesse sentido, difere-se da TI caracterizada, no texto, por “disponibilizar insumos decisórios”. Esta característica, na qual o fornecimento de informações para a tomada de decisão é central torna-se importante na identificação das mudanças no conteúdo das atividades das profissões de TI.

Na mesma revista, na seção mercado, a matéria intitulada *Ao final do século os profissionais de informática devem ser tão velozes quanto equipamentos de quarta geração* informa as mudanças no perfil do profissional da área. Constrói-se a ideia de que o perfil ideal de profissional da informática seria compatível com o chamado “generalista”, em detrimento do especialista. É a primeira matéria na qual o termo empreendedor é referenciado nas revistas, ele aparecerá de modo recorrente na definição do profissional desejado.

Nesta matéria, um dos entrevistados é o presidente do sindicato da indústria da informática do Distrito Federal que informa o perfil de profissional requisitado pelas empresas: “O profissional que nos interessa tem que ter visão empreendedora, não no sentido de se tornar empresário, mas tem que ser dinâmico naquilo que faz” (ACCIOLY, 1994, p. 7). Isto significa que independente da



área na qual o profissional esteja alocado, pública ou privada, ou da sua posição, empregador ou empregado, a ideia de que ele necessita ser um empreendedor, ter uma visão mais genérica e atrelada aos negócios da empresa, vigora.

Se as publicações veiculadas nos anos 1980 tratavam da valorização do profissional de informática, mesmo em um período de crise no país, aqui a situação é apresentada de forma distinta, sob o risco de desaparecimento “o profissional da informática está em extinção. ‘Não tenho dúvida de que muito em breve isso ocorrerá, principalmente com o programador e o analista de sistema’...” (ACCIOLY, 1994, p. 7). Ao mesmo tempo em que a extinção da profissão é indicada, as características dos “sobreviventes” são exibidas, permanecerá “o mais versátil, que sabe um pouco de cada coisa e que está preparado para desenvolver produtos viáveis comercialmente.” (ACCIOLY, 1994, p. 7).

Ao longo da década de 1990 e da primeira década do século XXI constatamos que o perfil do profissional de TI se configurou o mesmo nas publicações analisadas. A construção da identidade e do perfil exigido visa desvincular a associação do profissional de TI daquele profissional de informática muito inteligente, mas pouco sociável e que possuía um estereótipo *nerd*.

A matéria de capa de maio de 1998 da *Revista info*, sob a chamada: *Que tal brilhar como o cara aí do lado?*¹², um homem branco, de óculos, sentado de pernas para cima, segurando uma taça em uma mão e o teclado do computador na outra¹³, afirma que apesar do contexto de desemprego geral, em nível mundial, a área de tecnologia estaria imune, com vagas para aqueles candidatos que tivessem a atitude correta a fim de conquistá-las.

Nesse sentido, até “*nerds* cínicos como Dilbert, que sabem tudo de computação, mas nunca se dão bem no mundo corporativo.” (MILITELO, 1998, p. 29) poderiam conquistar uma vaga. Mas para isso, seria necessário obter determinado perfil.

Os textos apresentam não apenas as exigências qualificacionais, mas constroem um ideal de profissional e do não profissional. Usa-se a imagem do *nerd*, aquele que estuda muito, programa sozinho e tem pouca habilidade comunicacional, para dizer o que o profissional não deve ser. Por outro lado, a imagem do empreendedor, homem de negócios, autônomo, flexível, faz o contraponto com o que o profissional deve ser. Exige-se um profissional capaz de gerar lucros diretos às empresas e que use a tecnologia para este fim.

A fala de uma *headhunter* (caça-talentos) que relaciona as transformações nas formas de organização da empresa às mudanças no perfil de profissional demandado é representativa desse cenário ao considerar que o “técnico dos anos 90 precisa ter uma visão clara, claríssima, de como a informática pode gerar ganhos, alavancar o negócio da empresa” (MILITELO, 1998, p. 29).

O estímulo à competitividade, a busca pelo sucesso como algo inatingível, o aprendizado e atualização constantes foram se apresentando nas publicações analisadas de forma cada vez mais incisiva. A matéria veiculada pela *Revista R* é representativa e afirma que

Além de ter que atualizar constantemente seus conhecimentos técnicos, ter um nível de inglês avançado e acompanhar quais serão as tendências que demandarão novas competências no futuro próximo, o desenvolvedor moderno precisa saber trabalhar em equipe e ter habilidades comportamentais que facilitem integrar um time” (GOMES, 2011, p. 41).

¹² O título da matéria é: Assim pode até o Dilbert se dar bem.

¹³ A imagem é do personagem de tiras Dilbert, que aparece em páginas subsequentes de forma confortável, em frente ao computador, sendo massageado. Inventado por Scott Adams, o personagem de tiras é um engenheiro da área de tecnologia inserido em um contexto organizacional verticalizado; representa não apenas o funcionário com alto conhecimento tecnológico, submetido às decisões arbitrárias e sem sentido dos chefes, mas personifica uma crítica severa às formas de organização do trabalho hierárquicas e ao contexto empresarial.



O discurso presente nos textos analisados exige um profissional antenado com a área de negócios, dedicado à empresa, competitivo, que esteja atualizado e aprendendo constantemente, que conheça diferentes linguagens de programação, que saiba outros idiomas, que saiba trabalhar em equipe e tenha uma inteligência emocional, isto é, saiba se comportar, sobretudo, face a situações de estresses ocasionados pelo trabalho. Além disso, “não se acomodar” apresenta-se como uma característica que deve ser desenvolvida e encarada, desse modo, a sensação de estagnação apresenta-se como um motivo para a mudança de emprego:

Já ficou bem para trás o tempo em que as corporações eram as principais responsáveis pelo crescimento de seus funcionários. O que elas oferecem hoje são chances que devem, em primeiro lugar, ser percebidas (e isso só os mais atentos e dispostos a evoluir conseguem fazer com clareza) e, em segundo, ser lançadas com a mesma disposição de quem caça um elefante. Se você entende que sua empresa não lhe oferece esse tipo de chance, se há uma ausência de tarefas empolgantes ou a pura e simples vontade de fazer outra coisa, pense se não está na hora de fazer um balanço e partir para um upgrade na carreira. Encare a possibilidade de mudar de emprego como uma coisa absolutamente natural da vida (MILITELO, 1999, p. 32).

A insatisfação no trabalho é apresentada não como motivo de reivindicação ou de construção de um coletivo que permita mudar a situação, mas como um sinal para deixar o emprego, a fim de não se “acomodar”. Aliás, a palavra acomodação é cada vez mais utilizada no sentido negativo para representar aqueles que não estão dispostos a mudarem de emprego, carreira ou não estão em um processo de aprendizado constante, isto é, no ritmo desejado pela empresa. Ficar muito tempo em uma empresa aparece como um ponto negativo e não como uma situação positiva na qual o profissional se satisfaz naquele trabalho, desse modo, permanecer por mais “de oito anos na mesma empresa pode sinalizar uma acomodação perigosa. Indica que o sujeito chegou ao topo de sua competência e que não tem mais para onde crescer”, diz Gerson Correia, diretor da empresa de recolocação de executivos DBM” (MILITELO, 1999 p. 33).

Os discursos nas publicações apresentam um conjunto de argumentos utilizados para mobilizar e atribuir sentido ao trabalho (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009). Se, por um lado, a referência a recrutadores de executivos na construção dos textos poderia revelar-se confusa e contraditória, à medida que muitos exemplos apresentados são de funcionários que não ocupam tal posição, por outro, poder-se-ia dizer que tais referências contribuem para a construção da ideia de que um bom profissional deve ter atributos de um executivo ou empreendedor. Em matéria veiculada pela *Revista info*, a concepção acerca das exigências qualificacionais é semelhante para os diversos cargos, conforme o gerente de tecnologia de uma consultoria falta profissionais qualificados “bilíngue em TI, que conheça tecnologia pura, tipo microinformática, banco de dados e linguagens de programação e negócios, diz Paiva, ‘Só uma competência não basta, seja o profissional candidato a analista, vendedor, gerente de projeto ou CIO’” (ZANDONADI, 2005, p. 69).

Muitas publicações atribuíram as transformações nas profissões em TI ao desenvolvimento tecnológico. Ainda que tal fenômeno seja importante para pensar tais mudanças, constata-se que o conhecimento técnico continua importante, mas agora, aliado a conhecimentos gerenciais e de negócios, habilidades comportamentais, dentre outras competências. Assim, o

[...] currículo fica musculoso quando, além do curso superior e do domínio de inglês e português, a pessoa persegue MBA, certificações, especializações e atividades extracurriculares diversificadas. A boa postura na hora da entrevista, claro, não atrapalha. A ideia é ser autêntico e fugir da tentativa de parecer seguro demais só para impressionar. Isso pode ser entendido como arrogância. “É preciso ser combativo e saber ouvir o que não gosta”, diz André Rapoport, diretor de RH da Oracle (ZANDONADI, 2005, p. 69).



Não basta ter todos os conhecimentos exigidos se o profissional não construir o *network*, isto é, uma rede de relacionamentos profissionais.

Constata-se que a ideia de um profissional alinhado com a área de negócios, detentor de conhecimentos técnicos, conhecimento em língua estrangeira, inteligência emocional, capacidade de trabalhar em equipe e de aprender constantemente, correr riscos, ser competitivo, crescer ilimitadamente e construir soluções individuais para seus problemas, são os elementos que constroem a identidade do profissional de TI, conforme a análise do discurso veiculada nas publicações avaliadas.

É importante ressaltar que ao lado dessa construção discursiva, evidencia-se a redução da remuneração nas ocupações que integram esse grupo. Os resultados de Márcio Pochmann, já apresentados, indicavam redução da remuneração entre os anos de 1986 e 1997. Estudos mais recentes como o de Josmária Oliveira (2012) que desenvolveu uma pesquisa comparativa entre três profissões que têm na informação a base para a construção de sua jurisdição: bibliotecários, contadores e analistas de sistemas, apresentam um quadro de maior vulnerabilidade para a ocupação analistas de sistemas. Com base nos dados da PNAD a autora constatou decréscimo do número de profissionais de TI em faixas salariais superiores e crescimento nas faixas salariais mais baixas tanto no setor formal quanto informal.

Ao longo dos anos, tem sido decrescente o percentual de profissionais de TI com salário superior a 15 salários mínimos no setor informal. Em 2002, 63% apresentavam tal rendimento, mas nos anos seguintes observa-se acentuada redução, sendo 59,4% em 2004, 34,3% em 2006 e 23,2% em 2008. Observa-se, ainda, que aumentou o percentual de profissionais informais nas faixas salariais mais baixas, como a de 5 a 7 salários mínimos, que era 2,1% em 2002 e chegou a 14,3% em 2006 (OLIVEIRA, 2012, p. 187).

A redução do percentual de profissionais nas faixas salariais mais altas no setor informal não foi acompanhada de aumento no setor formal. A autora também analisou a evolução salarial das três ocupações com base nos dados da relação anual de informações sociais (RAIS), entre 1999 e 2009 e, no conjunto das profissões analisadas, a ocupação analista de TI foi a única que registrou redução significativa e contínua da remuneração.

O discurso veiculado nas publicações após 1990 constrói uma nova identidade, a do “Profissional de TI”, pautada no empreendedorismo, na gestão de si, na autonomia, no gosto pela mudança e pelo risco. A valorização não está relacionada à posição ou ao cargo ocupado, mas se dá de modo individualizado e deve ser conquistada pelos profissionais. É nesse contexto que erige-se uma identidade do profissional ideal, empreendedor, considera-se aqui, que se trata de uma identidade atribuída ou virtual (DUBAR, 2005; GOFFMAN, 1975). Uma identidade empresarial que se constitui com a finalidade de atender às demandas das empresas e se integrar às novas formas de gestão do trabalho e à constituição de uma nova cultura que contribua para a produção de um ideal de profissional.

Considerações finais

A análise do discurso das publicações permitiu constatar que as “Profissões de TI”, antes denominada “profissões de informática”, não apenas impulsionou as transformações nas formas de organização do trabalho e da produção, mas sofreu tais modificações. Se até o final da década de 1980 a representação dos profissionais nas publicações convergia para a ideia de profissionais em carreiras promissoras, valorizadas e reconhecidas, o discurso constituído a partir da década de 1990 apresenta um cenário em que a construção da identidade do profissional de TI vincula-se, cada vez mais, ao ideal de “empreendedor”.



Em muitos momentos, a mudança nas exigências qualificacionais do profissional ora de informática, ora de TI, é atribuída às transformações tecnológicas. É certo que o advento dos microcomputadores, o crescimento dos pacotes de *software*, as mudanças do sistema analógico para o digital são elementos importantes para se pensar tais mudanças. No entanto, a percepção de que a informática deve ser cada vez mais aplicada, à área de negócios das empresas, de que o trabalho deve absorver cada vez mais habilidades, conhecimentos e capacidades e de que a responsabilidade pela carreira, pelo reconhecimento, pela remuneração é exclusiva do profissional, consistem em orientações e decisões políticas.

A análise das publicações, trazem importantes contribuições para refletir sobre como um discurso pautado na constituição de um profissional empreendedor, gestor de si, responsável pela gestão do seu conhecimento, de suas habilidades e carreira, pode influenciar na constituição identitária dos profissionais da área. Nesse sentido, é fundamental, em estudos posteriores, compreender como os profissionais assimilam tais discursos, seu impacto nas formas de organização coletiva e nos modos de reivindicar melhores condições de trabalho e salariais, assim como, as relações de gênero que permeiam a construção discursiva.

Referências

A TEMPORADA de caça. *Exame Informática*, São Paulo, n. 11, p. 19-22, fev. 1987.

ABBOTT, A. *The system of professions: an essay on the division of expert labor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

ACCIOLY, A. Ao final do século os profissionais de informática devem ser tão velozes quanto equipamentos de quarta geração. *Revista R*, Brasília, ano 20, n. 124, p. 7-11, set. 1994.

AQUINO, C. A ênfase é no analista de negócios. *Revista R*, Brasília, ano 20, n. 124, p. 5. mai. 1991.

BALTAR, P. et al. Economia e mercado de trabalho no Brasil. In: LEITE, M. P.; ARAÚJO, Â. M. C. (Org.). *O trabalho reconfigurado: ensaios sobre Brasil e México*. São Paulo: Annablume, 2009.

BITTAR, R. Há trabalho. Para todos. *Revista R*, Brasília, n. 57, p. 4-6, out. 1984.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BRETON, P. *História da Informática*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

CASTRO, B. *Afogados em contratos: o impacto da flexibilização do trabalho na trajetória dos profissionais em TI*. 2013. 368 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

DUBAR, C. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

É HORA de recomeçar. *Exame Informática*, São Paulo, ano 9, n. 96, p. 64-70, mar. 1994.

EISCHEN, K. *Working Through Outsourcing: software practice, industry organization and industry evolution in India*. Santa Cruz: University of California, 2003. CGIRS Working Paper Series.



FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FERNANDEZ, M. Analistas, o fim do isolamento. *Revista R*, Brasília, n. 104, p. 30-31, mai. 1991.

FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 11, n. 31, p. 141-145, 1996. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_31/rbcs31_08.htm>. Acesso em: 23 dez. 2015.

GARZA, E. *Hacia un concepto ampliado de trabajo: del concepto clásico al no clásico*. México: Anthropos, 2010. Cuadernos A: temas de Innovación Social.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOMES, M. Desenvolvedor busca novos caminhos. *Revista R*, Brasília, ano 36, n. 204, p. 39-41, fev. 2011.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

HELOANI, R. *Gestão e Organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho*. São Paulo: Atlas, 2011.

LEITE, M. P. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: LEITE, M. P.; ARAÚJO, Â. M. C. (Org.). *O trabalho reconfigurado: ensaios sobre Brasil e México*. São Paulo: Annablume, 2009.

LIMA, M. E A. *Os equívocos da excelência: as novas formas de sedução na empresa*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARCELINO, P. R. P. *A logística da precarização: terceirização do trabalho na Honda do Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MARQUES, I. Minicomputadores nos anos 1970: uma reserva de mercado democrática em meio ao autoritarismo. *Historia, Ciências, Saude*, Manguinhos, v. 10, n. 2, p. 657-681, 2003.

MILITELO, K. Assim pode até Dilbert se dar bem. *Info Exame*, São Paulo, ano 13, n. 144, p. 28-38, mar. 1998.

MILITELO, K. Onde estão os empregos. *Info Exame*, São Paulo, ano 13, n. 155, p. 31-40, fev. 1999.

MOSSI, T. *A falácia da aventura: a relação dos quadros superiores de TI com a dimensão moral do seu trabalho*. 2012. 134 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, J. *Estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação: processo de profissionalização e seu efeito na formação, atuação e reconhecimento profissional*. 2012. 218 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

POCHMANN, M. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego precarização no final do século*. São Paulo: Contexto, 2000.



SOUZA, T. P. *Identidade e subalternidade: a construção da identidade de trabalhadores serventes de limpeza*. 2011. 224 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

TAPIA, J. *A trajetória da Política de Informática brasileira (1977-1991): atores, instituições e estratégias*. Campinas: Papirus, 1995.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZANDONADI, V. Temos Vagas de TI. *Info*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 226, p. 68-69, jan. 2005.

Recebido: 23 dez., 2015
Aceito: 20 jan., 2016